

**CONTRA O CRIME, ROMANCE: INTELLECTUAIS, IMPRENSA E
SENSACIONALISMO (NATAL-RN-1960)**

Wesley Garcia Ribeiro Silva
Universidade Federal do Pará
garciawesley@gmail.com

O presente texto pretende problematizar as disputas editoriais que tiveram lugar na imprensa natalense no início dos anos de 1960 e a arregimentação dos intelectuais locais no sentido de continuarem a mobilizar as páginas dos jornais como espaço público de suas pautas e expressões.

Ao iniciar os anos de 1960, o periódico *Diário do Natal*, incorporado a rede dos *Diários Associados*, passou a compor um cenário temeroso para a urbe, figurada pela sua nova linha editorial. Os crimes passaram a se relacionar de modo fundamental com a cidade e a serem noticiados diariamente, não apenas com pequenas notas – ou *fait divers* – mas compondo uma parte estrutural do jornal, com títulos chamativos na capa e páginas inteiras dedicadas ao caráter sensacional dos assaltos, homicídios e tragédias cotidianas, cujos textos flertavam com uma narrativa anedótica, para acentuar o tom extraordinário. Em 1961, os assassinatos de três motoristas em um intervalo de tempo de sete meses foram publicados como se fossem folhetins e mobilizaram a cidade, seguindo o rastro de medo que o perigo carregava. Surgia daí o nome de João Rodrigues Baracho, que seria implicado não só a tais crimes, mas também a uma série de fugas e outros delitos, que tiveram lugar até 1962, quando foi fuzilado em uma emboscada da polícia.

A *Tribuna do Norte*, que rivalizava com o *Diário de Natal* pelo título de jornal mais vendido e lido na praça da capital potiguar e desde sua criação sempre havia se caracterizado como jornal eminentemente de divulgação de feitos e ideais políticos, sentiu os efeitos da cobertura da calada da noite. Sua resposta ao contexto da imprensa local dos anos de 1960 veio com a criação de uma seção intitulada “Romance Policial da Cidade”, assinada primeiramente pelo jornalista de verve literária Sebastião Carvalho (1961) e

depois por Sanderson Negreiros (1962-1963). Ante a tendência do “corpo estendido no chão” do *Diário de Natal*, a *Tribuna do Norte* destacou uma coluna que, apesar de não deixar de informar sobre os acontecimentos policiaiscos, dos *bas fonds*, os fatos diversos que assombravam os recônditos da cidade, o fazia de maneira literária, misturando tragédia e comédia, jogando com os termos verdade e ficção, realidade e imaginação nas páginas do jornal. Estilo adotado que caía nas graças de seus colegas "intelectuais-jornalistas", pela pauta criativa com que construía seus textos e instituíam seus personagens. Mas é impossível não pensar no simbolismo que o autor se constituía ao se colocar como cronista, intelectual, jovem que fazia jornalismo ante tendências sensacionalismo e de profissionalização da imprensa periódica local. Efusivas vivas, que conclamavam a importância de Sanderson Negreiros para o cenário local e sua própria função no sentido de dar conta do tórrido cotidiano dos acontecimentos dos submundos da cidade.

Nenhum jornal ficou indiferente a Baracho. E, de fato, era difícil imaginar que alguém tenha ignorado o clima de medo, suspense e curiosidade suscitado pelo criminoso, pela polícia e pelos veículos de informação a partir das rádios e pela imprensa escrita - com o *Diário de Natal* na linha de frente. Se nos fiarmos nas manchetes e notícias publicadas, as noites da capital potiguar nunca mais foram as mesmas após as atividades de Baracho. A paz e a tranquilidade que caracterizariam a “província” teriam dado lugar ao receio de ter o caminho cruzado pelos perigosos meliantes que atacavam nas sombras.

Até mesmo a *Tribuna do Norte*, que desde sua criação sempre havia se caracterizado como jornal eminentemente de divulgação de feitos e ideais políticos, sentiu os efeitos da cobertura da calada da noite. No momento em que reafirmou sua posição editorial com a campanha para governador do estado em 1960, e a posse de Aluizio Alves na administração estadual em 1961, noticiando a campanha nas ruas, o dia a dia das ações do governador, inaugurando obras, mobilizando a população no cenário urbano, não deixava dúvidas de que a pauta de compreensão do cotidiano da cidade era a política. E o continuou fazendo, contudo, dando algum espaço para informar sobre os acontecimentos policiais.

É verdade que, comparado ao *Diário de Natal*, o aparecimento de Baracho na *Tribuna do Norte* se deu de forma atrasada e timidamente. O costume de divulgar a rotina policial na última página foi novamente empregado, mas, ao contrário do padrão editorial então em voga de se utilizar de pequenas notas, sem qualquer destaque gráfico, foi sendo continuamente alterado no momento de tratar de Baracho.

Foi informando os detalhes da sua prisão, a condução do interrogatório, a confissão do “meliante”, os passos do crime e os seus motivos, a primeira vez que Baracho apareceu com certo destaque na *Tribuna do Norte*¹. Ocupou cerca de ¼ da última página. Porém, nesse mesmo ano, após a sua fuga e recaptura no Ceará, mais famoso do que nunca, tomou quase metade da folha derradeira, com direito a três fotografias, uma no meio dos policiais responsáveis pela sua transferência para Natal e duas de perfil, com a chamada no alto: “Baracho matou mais um e voltou para Natal”².

Entretanto, o que mais nos saltou aos olhos foi a inserção de tal assunto entre os colunistas e cronistas da *Tribuna do Norte*. Até mesmo a tradicional coluna “A nota da manhã”, assinada por Rômulo Wanderley, figura de proa do jornal desde sua fundação, foi levada a falar de Baracho.

Estou escrevendo à noite [...]. A esta mesma hora, a minha mulher chega com um jornal da tarde e fala-me, horrorizada, do caso de Baracho, que se transformou em assunto do dia, comentário de todas as horas. Quando não se fala em parlamentarismo, forçosamente, fala-se nele...

Por precaução, ela fecha a janela e recrimina a minha tranquilidade, arriscado a sofrer uma agressão por parte do homem que todo mundo vê, mas ninguém sabe afirmar ao certo onde se encontra. [...]

Baracho já se tornou figura de lenda. Se eu fosse poeta popular, iria escrever um romance de sua vida e de seus últimos feitos, para ganhar dinheiro. Mas, é possível que outro aproveite o tema, que é dos mais palpitantes e atuais. O povo, que devora edições de jornais, quando trazem notícias do homem do dia, também compraria o livro que contivesse, em verso, as aventuras do novo herói de Natal, nova encarnação de Jerônimo, o herói do sertão.

Ganha fama e deita-se na cama, diz a sabedoria popular. Com Baracho está acontecendo isso. Celebrizado para alguns crimes, a ele se atribui a autoria de outros, dos quais talvez nem tenha ouvido falar. Agora, todo assalto e homicídio é praticado por Baracho. A serem verdadeiras todas as versões, ele teria o dom de ubiquidade. Matando um aqui,

¹ Detalhes da prisão e confissão do matador de Moisés Nascimento. *Tribuna do Norte*, 23 ago. 1961.

² Baracho matou mais um e voltou para Natal. *Tribuna do Norte*, 08 dez. 1961.

agredindo outro acolá, roubando um terceiro adiante. Tudo com a velocidade de quem viaja a jato, como aqueles lobisomens, que aparecem nas noites agitadas do sertão, ou como aquelas burrinhas do padre, que percorrem sete províncias numa noite, sem que nada de anormal lhes aconteça.

O crime também torna famosos os seus autores. A menos que estes sejam pessoas vulgares, que não se dão ao luxo de levar uma vida de Al Capone provinciano, como esse enigmático filho do sertão, que gosta de dinheiro para poder manter dezenas de mulheres e brincar de esconde-esconde com a polícia³.

O cronista não deixou de denotar aí, espanto com o alcance que a história de Baracho havia alcançado. Há também certo desconforto de fundo, pelo medo que rondava a cidade, mas, principalmente, pela demanda do consumo de informações do caso. As questões em torno do crime rivalizavam com os assuntos que seriam mais importantes, como as escolhas do rumo da nação. E o que é pior, o consumo de suas informações faziam dinheiro, vendiam jornais.

Críticas veladas se seguiram na pauta de outros cronistas da *Tribuna do Norte*. Sanderson Negreiros, responsável pela coluna da segunda página chamada de “Quadrantes”, chamou atenção para o caráter humano de Baracho, questionando as vestais vozes acusatórias que recaiam sobre o criminoso.

Ora, ser Baracho é um estado de espírito. Muitos cometem crimes piores, continuam cometendo e cometerão e ninguém chamará ninguém de Baracho. Rouba-se, mata-se, assassina-se a paciência do pobre. Manga-se. Teoriza-se, diminui-se, aumenta-se, recrimina-se a capacidade de sobrevivência da imensa massa de miseráveis que a cidade tem em torno. Mas nunca ninguém foi chamado de Baracho. Há então piores Barachos soltos por aí. Além de matar, tem pretensão de continuar sempre a pobreza de milhões. Baracho é um fenômeno clínico, jurídico, antropológico até. Mas pior, e sempre pior, são os Barachos sociais que desgraçam a sorte de milhares e nunca são apontados, porque são ricos e poderosos. Até que venham um dia restaurador. E quando virá esse dia? Não custará segunda as escrituras. E as escrituras, dizia meu avô, não falham⁴.

De qualquer forma, falar do caso se tornou irresistível e, na medida em que os acontecimentos em torno do “meliante” se desenrolavam, a postura editorial da *Tribuna*

³ WANDERLEY, Rômulo. Baracho, um personagem de romance. In.: A nota da manhã. *Tribuna do Norte*, 13-set. 1961.

⁴ NEGREIROS, Sanderson. A volta. In.: Quadrantes. *Tribuna do Norte*, 19 dez. 1961.

do Norte também passou por algumas mudanças. Não só em relação aos fatos policiais, posto que o cotidiano da política e a retratação do poder em cena se acentuaram de forma decisiva a partir de 1961, mas, apesar de pontual, a pauta dos fatos das noites se colocou de forma significativa.

Teria sido o efeito Baracho no jornalismo natalense? Não para tanto, pois o que de fato se colocou, como podemos observar nas crônicas de Rômulo Wanderley e Sanderson Negreiros, foram disputas em torno da definição de uma pauta midiática, do que se deveria publicar e como se deveria publicar. E não apenas isso, pois é fácil identificar a partir das vendas dos jornais, como a disputa econômica também era algo central. Além, é claro, da própria definição de quem poderia fazer o jornal, se ainda havia lugar para os grupos de literatos, numa geração profícua de escritores, utilizarem o periódico para publicarem os seus textos.

A resposta da *Tribuna do Norte* ao contexto da imprensa local dos anos de 1960 veio com a criação de uma seção intitulada “Romance Policial da Cidade”. Era assinada pelo jornalista de verve literária Sebastião Carvalho, recém-saído do jornal *A República*, que cumpria as funções de diário oficial do estado e fechado com a chegada de Aluizio Alves ao governo do Rio Grande do Norte em 1961. Pela primeira vez a *Tribuna do Norte* expunha o nome do responsável pelas notícias veiculadas, algo que só acontecia normalmente para as colunas e crônicas da segunda página, assinado por intelectuais.

Ante a tendência do “corpo estendido no chão” do *Diário de Natal*, a *Tribuna do Norte* destacou uma coluna que, apesar de não deixar de informar sobre os acontecimentos policiaiscos, dos *bas fonds*, os fatos diversos que assombravam os recônditos da cidade, o fazia de maneira leve e bem-humorada.

O primeiro “Romance” veio ao leitor no dia 28 de setembro de 1961. Em uma apresentação informou apenas que a partir dali começa uma nova seção no jornal. Como o título sugeria, trazia fatos policiais, mas não só. Tratava de Baracho, mas também informava sobre a vida dos hospitais e prontos socorros, além de dizer que acolhia reclamações que os leitores quisessem fazer.

Sabemos pouco sobre como a nova coluna repercutiu entre os pares da imprensa e o público leitor, mas o próprio jornal nos deu algumas indicações nesse sentido. Assim, na quarta vez em que a coluna ocupou as páginas da *Tribuna do Norte*, publicou algumas

notas de cartas enviadas por supostos leitores, que faziam indicações sobre possíveis acontecimentos em suas localidades ou pedindo conselhos. Ao reproduzir os pequenos trechos, o colunista dava algumas respostas diretas, procurando manter o teor burlesco que tentava imprimir nas notícias que veiculava.

Ismênia, Rua Campo Santo – “Muitas das noites está aparecendo uma visagem por aqui. Não acredito que seja alma do outro mundo, apesar do nome da nossa rua”.

[Resposta] Não, Ismênia, isso deve ser o Baracho. Ele é que tem aparecido muito, ultimamente.

José Araújo, Tirol – “você não acha que está imitando o Antonio [?]”

[R.] O Woden Madruga me fez essa mesma pergunta, José, mas domingo num “*morning-party*” na residência da poetisa, escritora, cronista e teatróloga Leticia Galvão, Berilo Wanderley me comparou com George Simenon e Sanderson Negreiros me elevou às alturas de Agatha Christie. Não sei agora por qual me decida.

Uma leitora, Alecrim – “Fui a uma cartomante e ela disse que meu marido ia me matar. Será bom avisar a polícia?”

[R.] Para prender a cartomante ou seu marido?

Alcides Flor, Nova Descoberta – “Minha mulher era boa, mas ficou ruim. O senhor sabe como é...”

[R.] Eu não sei de nada, Alcides. Você não disse em que sentido sua mulher era boa. Nem em que sentido ficou ruim. Afinal, existem várias maneiras de uma mulher boa se tornar ruim⁵.

Em pelo menos outras cinco ocasiões, trechos de cartas de leitores foram publicadas. Eram elas reais ou parte do processo criativo do autor? Tal dúvida também foi levantada – ou alimentada – pela própria coluna, surgindo a partir de uma carta de um suposto leitor da Cidade Alta, Manuel Gusmão: “Essas cartas você recebe mesmo ou inventa?”, que o colunista respondeu “uma prova de que recebo é esta sua, Gusmão. Se você quiser posso lhe mostrar a sua carta, como prova”⁶.

Infelizmente, não temos acesso aos originais das cartas, mas, verdade ou invenção, o fato é que pela primeira vez os leitores eram representados nos periódicos locais em

⁵ CARVALHO, Sebastião. Romance policial da cidade. *Tribuna do Norte*, 03 out. 1961. Woden Madruga, Berilo Wanderley e Sanderson Negreiros são todos colunistas do jornal. Woden Madruga ocupou várias posições centrais na direção do periódico. Berilo Wanderley e Sanderson Negreiros também são identificados como do mundo das letras.

⁶ CARVALHO, Sebastião. Romance policial da cidade. *Tribuna do Norte*, 12 dez. 1961.

assuntos para além da dimensão da política⁷. Bem como, a coluna de Sebastião Carvalho significou a tentativa da *Tribuna do Norte* em retratar aspectos cotidianos da cidade.

Com duração de setembro de 1961 até janeiro de 1962, nenhuma informação veio para comentar os motivos do fim da coluna, nem mesmo uma nota de despedida. Se o público enviava cartas e a coluna era lida, o que aconteceu? Difícil dar uma resposta definitiva. Supomos que não era fácil escrever a coluna, ainda mais para alguém que participava não só do jornal, mas também da rádio, e que fazia várias outras matérias para o periódico. Achamos que a precariedade profissional do jornalismo suscitou o fim da coluna.

Em dezembro de 1962, a coluna retornou assinada por Sanderson Negreiros, que deixava de assinar a referida crônica diária da segunda página,. Não se reclama da falta de incentivos locais para a produção literária. Essa segunda sobrevida do “Romance Policial da Cidade” durou menos tempo do que a primeira, em janeiro de 1963, o autor voltava a página de crônicas.

Mas a glória derradeira da coluna ainda estava por se fazer. E foi assim que, sem apresentações, anúncios ou avisos, no limiar do ano, em sua última página, a *Tribuna do Norte* trouxe mais uma vez o “Romance Policial da Cidade”, ainda sob a pena de Sanderson Negreiros, que continuava com sua crônica diária da segunda página.

Assim como a inserção da coluna no periódico, o primeiro texto veio sem maiores explicações, trazendo apenas um pequeno parágrafo introdutório que parecia definir seu teor e sentido:

O plantão da Segunda Delegacia no dia de ontem acusou um fato que não pode passar despercebido dos leitores. O problema do amor, que [desde] o grande mestre Platão, o homem das cavernas, até o delegado da Ordem Social, Bel. Hernani Hugo, vem mais uma vez à tona dos acontecimentos provincianos⁸.

Ao mesmo tempo em que denotava o caráter único e singular dos fatos escolhidos para compor a coluna, Sanderson Negreiros explicitava suas constâncias e frequências, a regularidade que se revestia tais acontecidos – “o problema do amor”. Parecia não só

⁷ Os leitores já eram mobilizados a enviar cartas para mandarem slogans em época eleitoral, por exemplo.

⁸ NEGREIROS, Sanderson. Romance Policial da Cidade. *Tribuna do Norte*, 4-12-1964.

justificar a existência da coluna no jornal, por retratar o cotidiano, mas pincelava tons de importância incomum, uma vez que, apresentadas deste modo, não possuíam nada de trivial, sendo antes constâncias da natureza humana⁹.

O primeiro texto tratou da história de amor, sem final feliz, do casal Marina e Artur. Personagens de origem simples, moradores da periferia da cidade, dos morros de Mãe Luíza, que devido aos dissabores da paixão, seguindo a linha traçada por Negreiros, tiveram o fato singular de suas vidas ligadas à continuidade da experiência humana do trágico, merecedores, portanto, de figurarem na coluna. Jovem casal que tomados por uma afeição arrebatadora uniram-se a revelia da família, constituindo, a partir de um pequeno casebre no próprio morro, seu ninho de amor. Paixão sem condicionantes, apenas com uma exigência por parte de Artur: que a companheira não se pintasse, que ficasse longe da maquiagem. O descobrimento do amor fez com que Marina se pusesse a conhecer outros aspectos da vida, fazendo outras amizades que a impulsionaram, talvez assim como a proibição do amado, a ter prazer em se pintar e fazer-se bela. A partir daí, o desfecho é mais do que previsível! Em uma noite em que Marina se preparava para embelezar a face, Artur saiu para afogar suas mágoas no bar. Ao regressar ao lar, encontrou Marina pintada e a violentou com tapas e socos. O caso foi parar na delegacia, a partir da qual Sanderson Negreiros extraiu o material para a coluna.

O “Romance Policial da Cidade” foi um sucesso de leitores e de crítica! Pelo menos, no que se refere aos colegas de Sanderson Negreiros, que assim como ele, eram vistos como intelectuais que faziam publicar suas crônicas diárias nos periódicos. Gostavam, claro, do estilo adotado, da pauta criativa com que construía seus textos e instituía seus personagens. Mas é impossível não pensar no simbolismo que o autor se constituía ao se colocar como cronista, intelectual, jovem que fazia jornalismo ante tendências de profissionalização da imprensa periódica local. Efusivas vivas, que conclamavam a importância de Negreiros para o cenário local e sua própria função no sentido de humanizar o tórrido cotidiano dos acontecimentos dos submundos da cidade. Após a publicação de sua terceira coluna, Newton Navarro, cronista, artista plástico,

⁹ É interessante perceber certa semelhança com as observações de Roland Barthes, concebendo os *fait divers*, numa abordagem estruturalista, como a-histórico, sem contexto e universal. Claro, Negreiros não foi leitor de Barthes, que só escreveu em 1970.

intelectual, poeta e cronista, que também se fazia publicar na *Tribuna do Norte*, dedicou uma crônica específica para saudar a existência do “Romance Policial da Cidade”:

Sanderson bate forte suas teclas. Que dirá, na sua coluna hoje? Que casos de polícia vai relatar ele aos seus leitores? [...] ninguém melhor nesta cidade para escrever a crônica do que ocorre no mundo das noites. As fantasias dos horrores que a polícia debela. Porque, para tanto, é preciso ter o coração alto e nobre. Não fazer mais feroz a notícia do assassino. Não maltratar mais ainda a alma do que rouba e mata, e por isso vai algemado e ferido em seu orgulho e condição, para o suplico do degredo. Sanderson sabe tratar o humano desses fatos. E por isso temos uma página limpa a noticiar o ocorrido das nossas noites. As Marias das ruas transversais, as sem orgulhos “que só tem de seu a santa janela da consolação”. Os meliantes (que nome, meu Deus!) os degredados até a última baixeza, os párias, os transviados, e terrivelmente perdidos... Toda essa gente se faz notícia, profundamente humana em sua realidade chocante. São nossos irmãos também. E Sanderson reconhece isso. E não os promove, mas tão somente os faz mais limpos, aos olhos de nós outros, as vezes tão mais sujos[...]¹⁰

O “fazer mais limpo” do qual se referiu Newton Navarro denota a proposição da coluna de Sanderson Negreiros em compor uma indisfarçável sobreposição entre os acontecimentos reais do “mundo das noites” natalenses e a retomada destes a partir de uma construção ficcional. Conto e crônica, realidade e invenção se misturavam, deixando claro para os leitores a presença marcante do autor nas histórias que fazia publicar. Mas não se tratava meramente do uso da capacidade criativa do autor. Como que para estabelecer uma ideia de credibilidade e de verdade, as mesmas histórias que eram retomadas na coluna também encontravam lugar no jornal, em formato de pequenas chamadas e notas, como tradicionalmente a *Tribuna do Norte* adotava como padrão para tratar de assuntos diversos, como crimes, acidentes e o movimento do pronto-socorro, estando, ambos, a coluna e as notas, encontrando lugar na última página. Mas as diferenças no modo de tratar os fatos eram marcantes: enquanto as notícias eram eminentemente informativas, resumindo-se a situar os delitos, os lugares de ocorrência, as vítimas e os meliantes, o “Romance Policial da Cidade” era trágico-cômico, dramático, emocionante, que se não contribuía com tendências a causar certa empatia, ao menos gerava o sentimento de compaixão, originado pelo riso, aos personagens tratados.

¹⁰ NAVARRO, Newton. O romance policial da cidade. *Tribuna do Norte*, 09 jan 1965.

Mas, apesar da força autoral e criativa na composição de seus textos, é provável que Sanderson Negreiros e seus editores da *Tribuna do Norte* tenham se embebido de outras fontes e referências para conceber a criação da coluna. Como sujeitos atentos à mídia praticada no centro-sul do país, principalmente a que circulava a partir da antiga capital, o Rio de Janeiro, devem, com certeza, ter consumido modelos de crônicas que serviram ao menos de inspiração para “O Romance Policial da Cidade”.

Nesses percursos de circulações e apropriações não só das práticas de leitura em si das notícias dos jornais, mas também da própria estrutura editorial dos periódicos, é importante observar os caminhos percorridos por alguns sujeitos sociais. É preciso levar em conta as trocas de notícias e, principalmente, de padrões editoriais levados a cabo entre os principais jornais locais e do centro-sul do país¹¹. Desde o final da Segunda Guerra Mundial, o *Diário de Natal*, fundado em 1939, passa a integrar a rede dos Diários Associados, de propriedade de Assis Chateaubriand, fazendo circular em suas páginas várias notícias produzidas pela agência. A *Tribuna do Norte* foi inspirada na *Tribuna da Imprensa*, do jornalista Carlos Lacerda, incorporando a proposta política, reproduzindo notícias (principalmente de natureza política) e, inclusive, textos do próprio Lacerda.

Também é importante atentar para a inserção dos políticos norte-rio-grandenses no cenário da vida política da capital, que se mudara para Brasília, mas que ainda consumia em grande medida os jornais cariocas. Não à toa, além de se fazerem publicar nos periódicos natalenses, deputados federais, senadores e governadores eram proprietários, financiadores ou colaboradores dos mesmos periódicos, o que mostrava, além da preocupação de se constituir enquanto tribuna do político, a importação da pauta nacional.

Além da própria força de atração que significava a região centro-sul do país, pelo seu contexto econômico, político e social, a própria circulação da elite local e de seus rebentos naqueles espaços promovia um conhecimento do caldo cultural que dali irrompia. Seja a partir de viagens de férias ou para temporadas de estudos e, até mesmo,

¹¹ O jornal não é uma invenção de meados do século XX. Sua produção nesse momento traz já, portanto, a experiência periódica acumulada desde o século XVIII. E claro, já havia circulação de jornais em Natal desde o século XIX, com *A República*, fundado em 1889. O que pretendemos assinalar aqui é que, além das características distintas do periodismo anterior na cidade do Natal, é a característica de transformações mais intensa, mais especializada e profissional do fazer jornalístico local e da padronização editorial dos jornais, tomando como base os jornais do Centro-Sul.

a fixação de residência, principalmente os jovens intelectuais não resistem em procurar o sol carioca para clarear suas ideias.

Por tudo isso, a experiência do periodismo do Rio de Janeiro talvez tenha sido importante para a existência do “Romance Policial da Cidade”. Durante a década de 1950 a trajetória de colunas de dois jornais cariocas nos dão elementos para percebermos os contornos da lógica editorial dos textos escritos por Sanderson Negreiros.

Já renomado e premiado poeta, romancista e dramaturgo, Lúcio Cardoso, que também já fazia publicar em periódicos cariocas e paulistas contos de temáticas diversas, passou a integrar o colunismo do jornal *A Noite*, do Rio de Janeiro, a partir de 1952. De maneira diferente de como se dava sua inserção nas redações, Lúcio Cardoso passou a escrever sobre um tema específico, o crime, selecionando um acontecimento marcante para figurar como motivo da sua crônica/ conto. O nome da coluna recebeu o sugestivo nome de “O Crime do Dia”¹².

Talvez a ideia de retomar uma história impactante, reconstruída a partir de uma perspectiva em que não se percebia muito bem as fronteiras entre o real e o ficcional, levado a cabo por Lúcio Cardoso, tenha sido o ponto de partida para Sanderson Negreiros. Segundo Valéria Lamego, a inserção do “Crime do Dia” como coluna do jornal *A Noite* se deu num momento de crise de vendas daquele jornal. Foi como elemento de aproximação com um público de caráter mais popular que Lúcio Cardoso passou a compor o corpo editorial do *A Noite*. Seria uma disputa não apenas para ampliar seu público leitor e suas vendas, mas também um modo de combater outra coluna de jornal concorrente, o *Última Hora* que meses antes havia abrigado “A vida como ela é” de Nelson Rodrigues.

De qualquer maneira, Sanderson Negreiros mantinha a originalidade de desenvolver tons de comicidade nas suas histórias, afastando-se dos dramas morais da sociedade que percorriam os textos de Lúcio Cardoso e Nelson Rodrigues. Não há preocupação em questionar os valores, mas antes ilustrar a comicidade da experiência dos homens ordinários. E mesmo uma cumplicidade e identificação para com quem ele descrevia, principalmente pelo interesse da vida boêmia noturna.

¹² LAMEGO, Valéria Fernandes. *O conto e a vida literária de Lúcio Cardoso (1930-1950)*. Tese de Doutorado, PUC-RJ, PPGL, 2013.

Com Sanderson Negreiros, a luta dos escritores/ jornalistas pela permanência de suas crônicas, contos e poesias nas páginas dos jornais se dava no próprio campo daquele que assumia simbolicamente as feições de inimigo: os crimes, a violência, o sensacionalismo. Não obstante, acompanhando a participação da intensa geração de intelectuais surgidos em finais da década de 1950 e início na década de 1960, os periódicos promoveram a criação de páginas literárias¹³. A *Tribuna do Norte* deu início, então, a um caderno especial aos domingos, intitulado “Tribuna Literária”.

Sanderson Negreiros continuou a coluna até março de 1965, quando esta passou a ser assinada pelo também jovem poeta Dailor Varela. A escolha pelo sentimental seguiu como preocupação central. Porém, em maio de 1965 a coluna chegava novamente ao seu fim e não mais encontrou retorno. O caderno da “Tribuna Literária” continuou abrigando as produções intelectuais aos domingos. Mas, a partir deste período, o jornal passou por uma reformulação editorial e, como foi anunciado, o setor policial passou a se inserir com força total, com fotos e detalhamento das notícias. Pode-se dizer que capitulou diante do editorial sensacional. O Romance havia morrido.

¹³ A luta dos escritores pela permanência nos jornais torna-se mais sensível quando levamos em conta o cenário nacional, quando dos anos de 1930 e 1950 os literatos cada vez mais passam a sair das redações dos jornais do centro-sul, cessando espaço para poesias e crônicas assemelhadas a contos. Para uma análise do cenário nacional, Cf.: Cristiane Henrique Costa. *Escritores jornalistas no Brasil*. TESE UFRJ/comunicação, 2004.